

UMA ANÁLISE DO CORPO QUE NÃO SE TORNA ADULTO EM CONTOS DE JOSEFINA PLÁ

Betania Vasconcelos da Cruz¹

Altamir Botoso²

Resumo: A proposta deste trabalho é realizar uma análise a respeito do corpo que não se torna adulto nos contos “Sisé”, “Cayetana” e “Siesta”, da escritora hispano-paraguaia Josefina Plá, dos livros *Cuentos Completos I e II* (2014). Nesse sentido, o foco deste artigo é refletir, a partir da literatura, sobre o corpo como uma rede de imagens que exhibe os dispositivos políticos e as séries históricas que o produzem e o transformam. Partindo dessa perspectiva, usaremos o conceito de biopolítica de Michel Foucault (1987), e necropolítica do historiador político camaronense Achille Mbembe (2014, 2018). Além disso, foram utilizados como base teórica para as análises os estudos e obras de Homi Bhabha (2019), Frantz Fanon (1961), Antonio Candido (2006), Julio Cortázar (1974), entre outros. Em suma, nas narrativas breves, escolhidas como corpora de estudo, a atmosfera doméstica é vista como espaço de violação e o corpo como um campo simbólico, habitado por representações históricas dramáticas de violência, silêncio, abandono e solidão.

Palavras-chave: Josefina Plá; Contos; Corpos; Literatura hispano-americana.

AN ANALYSIS OF THE BODY THAT DOES NOT BECOME ADULT IN SHORT STORIES BY JOSEFINA PLÁ

Abstract: The purpose of this work is to analyze the body that does not become an adult in the short stories “Sisé”, “Cayetana”, “Siesta” by the Spanish-Paraguayan writer Josefina Plá, from the books *Cuentos Completos I and II* (2014). In this sense, the focus of this article is to reflect, based on the literature, on the body as a network of images that displays the political devices and the historical series that produce and transform it. From this perspective, we will use Michel Foucault’s concept of biopolitics (1987), and the necropolitics concept coined by Cameroonian political historian Achille Mbembe (2014, 2018). In addition, Homi Bhabha (2019), Frantz Fanon (1961), Antonio Candido (2006), Julio Cortázar (1974), among others were used as a theoretical basis for the analyses, as well as studies and works of Homi Bhabha (2019) and Frantz Fanon (1961). In short, in those short stories, chosen as corpora of study, the domestic atmosphere is seen as a space of violation and the body as a symbolic field inhabited by dramatic historical representations of violence, silence, abandonment and loneliness.

Keywords: Josephine Plá; Short stories; Bodies; Hispanic american literature.

1 Doutoranda em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT, e-mail: betania.filologa@gmail.com

2 Doutor em Letras, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, e-mail: abotoso@uol.com.br

Considerações iniciais

Durante a leitura dos contos da escritora Josefina Plá (1903-1999), um elemento que, sem dúvida, desperta a atenção dos leitores é a maneira peculiar pela qual são representados os corpos de suas protagonistas femininas. Aliás, em seus textos se nota uma tentativa de problematizar a condição da mulher, e é possível observar a “exploração do corpo da mulher paraguaia mestiça tanto no âmbito sexual como doméstico” (OLIVEIRA, 2016, p. 97).

Segundo Bhabha (2019), como criaturas literárias e animais políticos, devemos nos preocupar com a compreensão da ação humana e do mundo social como um momento em que algo está fora de controle. Nesse sentido, ainda conforme o referido crítico, o ato de escrever o mundo é assumir responsabilidades pelos passados não ditos, não representados, que assombam o presente. A respeito desse passado o historiador político Achille Mbembe acrescenta que

O peso da história encontra-se aí. É preciso aprender a carregar e a repartir o seu peso de uma maneira mais eficaz. Estamos condenados a viver não apenas com aquilo que produzimos, mas também com o que herdamos, e devemos aprender a viver tudo isso em liberdade. Uma vez que não saímos inteiramente de uma mentalidade dominada ainda pela ideia da seleção entre diferentes tipos de seres humanos, é preciso trabalhar com e contra o passado, de maneira que este possa abrir-se para um futuro comum, com dignidade para todos (MBEMBE, 2014, p. 296).

Dentro desse contexto, gostaríamos de ressaltar que o objetivo desse artigo é efetuar a análise dos contos “Sisé”, “Cayetana” e “Siesta”, de autoria de Josefina Plá, com o intuito de refletir, a partir da literatura, a busca de uma memória vigilante, conformando um campo simbólico, e até político, que representam os corpos nas obras da escritora hispano-paraguaia mencionada. Procuraremos trabalhar com e contra o passado, na tentativa de desvelar a importân-

cia das representações dos corpos femininos nas narrativas selecionadas. Partindo dessa perspectiva, gostaríamos de salientar aqui dois conceitos importantes para as análises, o de biopolítica de Michel Foucault (1987) e o de necropolítica do historiador político camaronense Achille Mbembe (2014, 2018).

Na formulação de Foucault (1987), o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas, aquelas que devem viver ou morrer. Trata-se do poder soberano sobre a vida e a morte, por exemplo: o rei tinha o controle sobre os corpos do restante da população, podendo decidir quem podia matar ou salvar. Entretanto, com as transformações políticas do século XIX, cabe aos governantes gerenciar a vida, o Estado pensa e age sobre os corpos. Ainda de acordo com Foucault (1987), a partir do século XIX, o Estado tem o controle total sob todos os aspectos da vida humana. Nesse aspecto, a potencialização da vida é necessária, para que esses corpos sejam saudáveis e produtivos.

O poder soberano concentra-se no governo, que faz viver e deixa morrer, ou seja, quando o governo atua, ele faz viver, quando ele compra vacinas, investe em políticas públicas. E quando ele não atua, deixa morrer. É o direito sobre a vida. É o fazer viver e deixar morrer. Para Foucault (1987), o corpo foi o primeiro objeto de que o capitalismo se apropriou, e a partir daí cabe ao Estado moderno a gestão da vida e, conseqüentemente, da população. Nessa perspectiva, o Estado se apropriou do corpo biológico. Isso é o biopoder, regulamentador, que tem a primazia da vida e da morte dos seres humanos.

Nesse sentido, um exemplo do biopoder ocorreu no ano de 2021, período no qual houve uma crise global com a pandemia do coronavírus (Covid-19). Observamos como o biopoder agiu sobre os corpos durante a pandemia, pois, quando os governantes atrasaram a compra de vacinas, sucatearam os hospitais, ou não contrataram mais médicos, ou seja, quando eles não atuaram, deixaram morrer.

Ainda de acordo com Foucault (1987), o

biopoder inseriu o racismo nos mecanismos de poder e de controle do Estado. A ideia é que a população corresponda a um corpo biológico e para manter a saúde seria necessário eliminar seus inimigos. Em relação a esse assunto, Achille Mbembe (2014) enfatiza os danos perniciosos de tal postura, porque “[...] constituindo o Outro não como a si mesmo, mas como objeto intrinsecamente ameaçador, do qual é preciso proteger-se, desfazer-se, ou que, simplesmente, é preciso destruir, devido a não conseguir assegurar o seu controle total” (MBEMBE, 2014, p. 26).

Sob esse viés, outro exemplo do controle sobre o corpo era a escravidão, na qual, segundo Frantz Fanon (1961), o corpo estava cativo, nu, algemado, sujeito a trabalhos forçados, golpeado, deportado e condenado à morte. Observa-se no sistema escravista o controle e o domínio. No entanto, com as transformações políticas, não se tinha mais domínio sobre esses corpos — então o que se faz com esse “Outro”? — tenta-se eliminá-lo.

Diante do biopoder é relevante salientar também o conceito de raça, a qual permite classificar os seres humanos em categorias distintas, supostamente dotadas de características físicas e mentais específicas. Essa classificação, em conformidade com Bhabha, “é uma forma de discurso crucial para a ligação de uma série de diferenças e discriminações que embasam as práticas discursivas e políticas da hierarquização racial e cultural” (BHABHA, 2019, p. 119).

É possível reconhecer esses discursos, por exemplo: no Holocausto³, que foi o [genocídio](#) ou [assassinato em massa](#) dos [judeus](#), considerado umas das maiores tragédias do século XX, por um programa sistemático de [extermínio étnico](#) patrocinado pelo [Estado nazista](#). Esse pode ser considerado como o arquétipo desse biopoder. Também o Apartheid⁴, um regime

3 Disponível em <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/introduction-to-the-holocaust>> Acesso em: 15 jun. 2022.

4 Disponível em <<https://www.politize.com.br/nelson-mandela-e-a-luta-contra-o-apartheid/>> Acesso em: 15

de [segregação racial](#) implementado na [África do Sul](#) em 1948. Observa-se que essas são as práticas do biopoder, eliminar o “outro”, aniquilar seus inimigos.

A partir do conceito de biopolítica, podemos tentar entender o conceito de necropolítica do historiador camaronense Achille Mbembe (2014, 2018). Para ele, Foucault se concentrou no gerenciamento da vida, porém, Mbembe argumenta que devemos nos concentrar na gestão da morte e questiona: por que alguns corpos são considerados matáveis? São corpos que se forem mortos não vão gerar revolta ou indignação, porque são considerados abjetos, degenerados, elimináveis. Ainda conforme esse autor (2014), existe um elemento de racismo importante para entender o poder que atua sobre eles — e o referido estudioso se indaga sobre quem seriam esses corpos e o que permite com que sejam tratados dessa maneira.

Tendo em mente as questões pontuadas acima, tratamos da representação de três corpos, que fazem parte das seguintes narrativas de Plá: o conto “Sisé”, cuja protagonista é uma criança indígena, “Cayetana”, no qual a personagem central é uma criança mestiça e em “Siesta”, tem-se o protagonismo de María, uma criança negra. Nos contos, esses corpos vivem em estado de exceção, ou seja, desprovidos de seus direitos individuais. É como se a morte deles servisse para legitimar a segurança e bem-estar em detrimento de outros. Nesse sentido, empregamos justamente os conceitos de biopolítica e necropolítica para refletir sobre esses corpos simbólicos no mundo diegético de Josefina Plá.

Na acepção de Mbembe, o corpo

é rede de imagens e de reflexos heterogêneos, densidade compacta, líquida, ossuda e sombria, forma concreta da desproporção e da deslocação, sempre prestes a extravasar o real. [...] Aliás, corpo, carne e vianda formam um todo indissociável. O corpo é uma realidade anatômica, um conjunto de órgãos com funções específicas. O corpo só é corpo precisamente porque é poten-

jun. 2022.

cialmente matéria de carne, comestível (MBEM-BE, 2014, p. 229-230).

-Cambiate la ropa. Tenés sangre en la espalda.

O corpo está vivo, enquanto os seus órgãos se exprimem e funcionam. Podemos pontuar que em relação à sua forma, apresenta diferenças físicas, porque há corpos grandes, pequenos, fortes, magros. No entanto, vale frisar, generalizando, em sua essência, ele não difere um do outro quanto ao seu funcionamento, mas pode ser castigado, algemado, crucificado, desfigurado, torturado. Sua matéria é a mesma e se algum órgão desse corpo entrar em falência, gera a morte; ele é comestível, é “vianda”, elimina urina e fezes.

La cocinera llegaba con el mate de pesada plata. Lo entregó a la patrona; luego alzó a la criatura, le miró la boca como a un animalito:

-Un año, a gatas.

-Lo dejó en el suelo y fue a buscar otro mate. Cuando volvió:

-Tiene que tomar leche, la señora. Estos maman hasta tarde.

A seguir, enfocamos o corpo das personagens concebidas por Plá e as particularidades de que eles se revestem no âmbito ficcional.

O poder soberano como a implantação e manifestação de poder no conto “Sisé”

No início desse conto é narrada a triste chegada de Sisé a uma fazenda nos braços do assassino de sua mãe. Verifica-se no princípio da narrativa o poder soberano que define a vida como a implantação e manifestação de poder, aquele de ditar quem deve viver e morrer. A patroa, mãe do assassino, tomava seu mate no pátio, quando seu filho deixou cair a criança perto dela, olhou-a com desprezo. A cozinheira levou o bebê para a cozinha. Deu-lhe leite em uma mamadeira usada para amamentar leitões. Observemos no excerto a cena em que isso acontece:

-La vieja hizo un gesto desdeñoso, entre dos chupadas:

-¿Quién va perder tiempo en eso? (PLÁ, 2014, p. 222).

Nos diálogos reproduzidos, notamos o pouco caso com o qual a menina é tratada e, a fala final da mãe reforça esse menosprezo, essa menos valia do corpo pequenino que tem diante de si. A criança é equiparada a um “animalzinho”, é menos que um porco (recebe leite na mamadeira destinada a esse mamífero); é praticamente “nada”, ideia que vem expressa pelo emprego do pronome neutro “eso/isso”. A esse propósito, salientamos as ponderações de Mbembe, que pontua que

El hombre dejó caer el burujoncito oscuro a los pies de la señora, le sacó la red sospechosamente parda. La señora lo miró, escupió en el solado:

-Una cuñá. Podías haber tenido mejor ojo. Y enseguida:

Experienciar a servidão é ser colocado à força na zona de indiferenciação entre o homem e o animal, nesses lugares onde se observa a vida humana a partir da posição do animal – a vida humana que reveste a forma da vida animal até ao ponto de ser impossível distingui-las, até ao ponto de

não se saber se o animal é mais humano do que o homem ou se o homem é mais animal que o animal (MBEMBE, 2014, p. 258).

Ainda conforme o teórico e historiador apontado, toda a submissão desenvolvida implica constantemente esta relação de propriedade, de apropriação e de pertença a outro que não a si mesmo. Assim, a personagem Sisé representa esse não pertencimento, essa desumanização do “Outro”. Dentro desse contexto, antes de prosseguir com a análise do conto, gostaríamos de destacar o fazer poético de Plá. Em conformidade com Roland Barthes, existem duas categorias de textos: os textos legíveis e os escrevíveis, e esse semiólogo francês assevera que

O texto legível é o que pode ser lido, mas não escrito, não reescrito, é o texto clássico por excelência, o que convida o leitor a permanecer no interior do seu fechamento. Os outros textos, os “escrevíveis”, apresentam ao contrário um modelo produtor (e não representacional) que excita o leitor a abandonar sua posição tranquila de consumidor e a se aventurar como produtor de textos (BARTHES *apud* SANTIAGO, 2019, p. 21).

Os textos legíveis são histórias de teor fabuloso dos deuses, semideuses e heróis da Antiguidade, e textos que têm sua origem sagrada, como a Bíblia, literatura fundamental do cristianismo, que podem ser lidos, mas não reescritos. Portanto, como classificou Barthes, é o texto clássico por excelência, que convida o leitor a permanecer no interior do seu fechamento.

O romancista e ensaísta Édouard Glissant afirma que “os grandes livros épicos fundadores da humanidade são livros que dão segurança à comunidade quanto ao seu próprio destino” (GLISSANT, 2005, p. 80). De acordo com Barthes, “a leitura desses clássicos leva o leitor a uma leitura tranquilizadora e garante seu lugar de cliente pagante em uma sociedade burguesa” (BARTHES *apud* SANTIAGO, 2019, p. 21-

22).

Em um outro extremo, existem os textos “escrevíveis”, aqueles que despertam o leitor de sua posição passiva e segura. Nesse sentido, buscamos nas narrativas de Plá essa leitura que provoca o desconforto e desperta a consciência crítica daqueles que aceitam o desafio de ler seus escritos.

Em “Sisé”, a personagem vivia no chão, jogada, e nunca chorava. A desumanidade e o descaso com que ela era tratada fica patente no seguinte trecho dessa narrativa: “La criatura sentada en el suelo de la cocina, chupaba un hueso que la cocinera le pasaba de su plato” (PLÁ, 2014, p. 222). A alimentação dada a ela é aquela destinada aos cães – ossos dos quais a carne já foi comida por um adulto. Debaixo de surras e gritos, em uma atmosfera de brutalidade, Sisé foi crescendo. Às vezes, para fugir de toda aquela violência, se escondia nas copas das árvores, mas sempre era encontrada pelos cães e peões da fazenda. Essa realidade vivenciada pela personagem revela o seu “não-lugar”, o seu não pertencimento àquele espaço e àquela família, e mesmo que estivesse vivendo ali desde bebê, ela sabia que não pertencia àquele espaço.

Por outro lado, verifica-se que Sisé tenta criar um mundo próprio, quando se escondia nas copas das árvores, uma tentativa de escapar daquele domínio, daquele universo de maus tratos e falta de afeto. As pessoas em seu entorno ignoravam-na. Ao se dirigirem a ela, era sempre por intermédio de gritos e empurrões. Sisé mal sabia falar, fato que se configura no relato como um silenciamento e uma proibição de se manifestar e se expressar, que se constitui por uma relação que envolve alguém que ordena/censura e aquele que aceita/obedece tal imposição. A respeito da imposição do silêncio ao indígena, Mbembe assim se manifesta:

[...] Aliás, “mandar” requer, acima de tudo, o poder de impor o silêncio ao indígena. A vários títulos, a colônia é um lugar onde não é permitido ao colonizado falar de si. Esta negação da palavra

relaciona-se com o confinamento do colonizado na esfera da aparição nua: quer como refugio e resíduo, quer como esvaziado de qualquer conteúdo, aquele cuja vida, desprovida de outro significado que não o outorgado pelo senhor, só tem valor direto devido à sua aptidão para o lucro. [...] (MBEMBE, 2014, p. 188-189).

Complementando essas ideias, o estudo assinala ainda que o ato de mandar vem sempre acompanhado pela vontade de humilhar, de insultar e de fazer sofrer, e isso se verifica ao longo do conto em análise, no que tange ao tratamento conferido à menina. O único bem que ela possuía eram uns grãos de feijões dentro de uma lata de café. Esse bem simbólico nos remete às tradições indígenas, a um objeto específico: o chocalho que representa festividades na cultura originária. O som ecoa a música, a dança e sua ancestralidade. Nesse sentido, verifica-se na narrativa que não é dado a Sisé qualquer direito de pertença social, de ter uma família e a sua condição de órfã é imposta pela violência e pela força. Ela é privada dos laços de sangue, de instituições, ritos e símbolos, os quais, de acordo com Mbembe (2014), são os elementos que tornam precisamente um corpo vivo. Dessa maneira, observa-se aqui o corpo como refugio, como algo desprezado, nu e esvaziado.

Com oito anos Sisé começou a trabalhar na sede da fazenda servindo mate aos patrões. Se a vida dela já era difícil, cheia de violência, privações e humilhações, isso tudo foi amplificado nessa nova etapa de sua existência, conforme se pode depreender da passagem transcrita abaixo, quando ela é abusada sexualmente:

Fue al terminar esa misma primavera un día lluvioso, pero no de noche sino de siesta, cuando el patrón llamó a Sisé a su pieza, cerró la puerta, la tomó en vilo del brazo, la echó en la cama y desplomó sobre ella sus ochenta kilos de musculatura recia y de hueso pesado. Sisé creyó que el patrón la iba a matar (PLÁ, 2014, p. 226).

Sisé foi estuprada pelo patrão, e posterior-

mente pelos filhos dele. Mesmo sendo a indiazinha que sofria todas as categorias de violência, era ela também quem sofria discriminação. Os assassinos e estupradores não sofreram nenhuma punição, uma vez que formavam parte do sistema patriarcal, que atua em defesa do homem e lhe garante todas as regalias, ao passo que a mulher é objetificada, desvalorizada, é uma presa sexual que não pode se defender. Por volta dos doze anos, a personagem sentiu que seu corpo começou a mudar, mas não entendia, visto que ninguém conversava com ela e não tinha informações para saber e entender o que se passava com o seu corpo.

Observa-se que, mesmo vivendo em um ambiente híbrido, com vários empregados, peões, cozinheiras etc., não havia solidariedade e diálogo nesse espaço. Essas personagens se alienam na condição colonial e se reduzem a estereótipos, que até podem ser positivos, mas o mais comum é que sejam negativos e segundo Bhabha, “o estereótipo tem como função, estratégias discursivas e psíquicas mais significativas do poder discriminatório” (BHABHA, 2019, p.118-119) e acabam por evidenciar uma forma de discurso para a conexão de uma série de diferenças e discriminações, que embasam as práticas discursivas e políticas da hierarquização racial e cultural.

No conto, Sisé é uma estrangeira em seu próprio país, vive em um estado absoluto de opressão e discriminação. No dia de Natal ela sumiu. Cães foram acionados para localizá-la e os peões encontraram-na no meio do milharal com um recém-nascido em seus braços. Quando tocaram seu corpo, perceberam que estava frio e imóvel, e o de seu filho ainda com o cordão umbilical estava igual ao de sua mãe, imóvel e sem vida.

Dessa forma, os uivos dos cães anunciaram a morte da personagem e seu silêncio eterno. Na sequência das ações, o narrador assim se expressa: “Caminaban los peones en fila india, precedidos por los perros. Allá lejos en el aire de la mañana se oyó un sonido flébil y gozo-

so. Era día de Navidad. La campana de la capilla lejana anunciaba la venida del Niño Dios” (PLÁ, 2014, p. 230). Na sede da fazenda todos comemoravam o Natal e a chegada do menino Jesus, fato que configura toda a hipocrisia dos seus donos, uma vez que negaram o direito à vida a dois seres inocentes, silenciaram suas vozes e permitiram que morressem, sem qualquer remorso ou sentimento de pesar.

A respeito da composição do conto, um texto bastante relevante para nossa análise é “A filosofia da composição”, publicado em 1846, de autoria do contista norte-americano Edgar Allan Poe (1999), que expõe uma série de fatores envolvidos no processo de produção de uma narrativa curta, ao tratar da extensão do conto e a reação que ele consegue provocar no leitor, ou o efeito que a leitura lhe causa. Para Poe, a unidade de efeito ou impressão é o ponto da maior importância.

A composição literária ocasiona, portanto, um efeito, um estado de “excitação” ou de “exaltação da alma”. E o processo de escrita precisa começar com a escolha do efeito que o autor pretende criar. Conforme Poe (1999), nenhum detalhe de sua composição pode ser atribuído a acidente ou intuição, e o trabalho deve ser realizado passo a passo, até o final, com a precisão e a rígida consequência de um problema matemático. Ainda de acordo com o autor de “A queda da casa de Usher”, após estabelecer a intenção, extensão e o efeito, o escritor deve definir o tom da obra. Esse pode ser de alegria, melancolia, tristeza, satisfação etc. Posteriormente, o efeito artístico, a natureza das palavras, pretexto para se recorrer à palavra e ao tema. Em conformidade com Poe (1999), uma criação literária não é uma iluminação divina, é um trabalho feito por meio da razão e do planejamento.

Desse modo, diante dos apontamentos de Poe (1999), em seu texto “A filosofia da composição”, observa-se que a criação do conto “Sisé” foi um trabalho elaborado por meio da razão e do planejamento, uma vez que o corpo de Sisé no mundo diegético concebido por Plá é obje-

to de discurso e objeto de conhecimento, que evoca o passado sob os signos da violência, do silêncio e de um presente histórico. Verifica-se no primeiro parágrafo do conto o biopoder, o poder soberano de matar ou deixar viver e a necropolítica de deixar viver para fazer morrer.

É plausível notar que o conto “Sisé” traz uma consciência histórica e espacial, já que a personagem enreda-se em uma extensão de servidão, maus tratos, humilhações, violações e, dessa maneira, a narrativa propõe uma reflexão crítica acerca do nosso tempo, enquanto objeto de discurso e objeto do conhecimento e, assim, observamos, por meio do relato, relações entre história, identidade e memória. Essa narrativa serve para propor um estilo de reflexão crítica acerca do momento em que vivemos e que nos permite questionar — quem é “descartável” e quem não é? A este propósito, parafraseando Mbembe, caberia perguntar — Que lugar é dado à vida? E em especial ao corpo que nasce da violência, da humilhação, da exploração? No mundo diegético de Plá, o corpo é silêncio, é exploração, é morte, como se confirma pela trajetória da pequena indígena, protagonista da história.

A infância saqueada no conto Cayetana

Semelhante à estrutura do conto “Sisé”, a narrativa do conto Cayetana se inicia com uma cena dialogada:

–Cayetana, andá buscar la carne.

–Cayetana, en Pinozá se vende naranja a cuatro pesos el cien.

Andá comprar.

–Cayetana, fregáme ese piso que está sucio.

-Cayetana, andá traer la silla que está en lo del carpintero.

-Cayetana, “enjaguá” mis medias. Pronto.

-Cayetana, prendé el horno. Vamos hacer sopa.

-Cayetana, andá regar mi picardía blanca.

Cayetana hacía todas estas cosas y algunas más (PLÁ, 2014, p. 119).

No excerto acima verifica-se que o tom é de ordem e de mando, exige a obediência sem questionamentos. As frases no imperativo são repetitivas, retratando o discurso autoritário. Cayetana foi deixada por sua mãe aos cuidados das irmãs Olmedo, quando tinha sete anos. O tratamento das irmãs a ela era sempre no imperativo: Cayetana também servia para as irmãs o mate da manhã e da tarde. Sempre com frases que expressavam ordens, as irmãs controlavam-na e exploravam-na, exigindo que trouxesse e levasse convites, pratos doces, salgados e mensagens, além de ser responsável pela limpeza da casa, fazer as compras, cozinhar, sendo escravizada por elas.

No começo sua mãe, Rufina, ainda via sua filha, quando ia à casa das irmãs para lavar roupa, mas acabou sumindo, deixando-a à mercê das duas irmãs:

Cayetana quedó de propiedad exclusiva de las señoritas. Egidia le cosía los arlequinados vestidos; Eulalia, le carpía la cabeza con una arcaica maquineta de cortar pelo – la del finado señor Olmedo – que no funcionaba como una seda precisamente, y que arrancaba a Cayetana lágrimas en cada sesión (PLÁ, 2014, p. 120).

Cayetana, deitada à noite na cama feita com sacos velhos na cozinha, chorava e sentia frio na cabeça. Além disso, “Cayetana no tenía amigas. No le daban tiempo para ello. Como no había niños en la casa, no disfrutaba del privilegio de las niñeras, que salen con las criaturas a la vereda y participan de los juegos” (PLÁ, 2014, p. 121). O desejo dela era ser babá, assim poderia sair com as crianças e participar das brincadeiras.

No fragmento acima é possível notar a imagem como um ponto de identificação com o outro. Para Bhabha, a imagem torna presente algo que está ausente, ainda de acordo com esse crítico, “A imagem é a um só tempo uma substituição metafórica, uma ilusão de presença, e, justamente por isso, uma metonímia, um signo de sua ausência e perda” (BHABHA, 2019, p. 95). Dentro desse contexto, o desejo de Cayetana não era ser o “outro”, não era tomar o lugar do outro, seu desejo era o de ser vista, considerada, aceita, de ser criança, de poder ter um tempo para si mesma, ter contato com outras pessoas e gozar de um pouco de liberdade.

A única pessoa que conversava com Cayetana era uma velha vendedora de batatas, que às vezes lhe fazia pequenos agrados, e chegou a dar-lhe uma laranja e um pequeno melão. Quando Cayetana tinha por volta de treze para catorze anos, chegou de Buenos Aires o sobrinho das Olmedo, Eduardo, o preferido das senhoras, porque era doutor. Cayetana nunca tinha trabalhado tanto, trazia e levava mensagens, era ela também quem lustrava os sapatos dele, passava suas roupas, preparava-lhe o banho, e servia-lhe o mate na cama.

O assédio sexual não tarda a se iniciar, conforme se verifica no fragmento que segue: “Cuando estaba inclinada sobre el pozo tirando de la cuerda para sacar agua para el baño del “doctor”, le pellizcaron una nalga” (PLÁ, 2014, p. 122). Cayetana, ao sentir aquela invasão em seu corpo, assustou-se e deixou o balde cair, quebrando-o. Tomou uma surra das Olmedo por quebrar o balde. Na manhã seguinte, não queria

levar o mate aos aposentos de Eduardo, porém as Olmedo lhe deram outra surra. Sobre os castigos Foucault, tece a seguinte ponderação:

Os castigos sempre tiveram como objeto o corpo, com a intenção de controlar suas forças. Por meio de várias estratégias, com múltiplas origens, o corpo está inserido em um campo político, no qual as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônia, exigem-lhe sinais (FOUCAULT, 1987, p. 29).

Para o referido filósofo francês, “O corpo só se torna força útil se, ao mesmo tempo, ele for corpo produtivo e corpo submisso” (FOUCAULT, 1987, p. 29). Ainda seguindo o pensamento foucaultiano, a lógica política da disciplina é criar um ambiente em que seja impensável outro cenário. A disciplina expõe as regras, cabendo aos corpos cumpri-las. Nesse sentido, observa-se que o corpo de Cayetana é inteiramente exposto à vontade das senhoras, as quais obtém o máximo de rendimento dele. O corpo de Cayetana é submisso e explorado, escravizado. Em relação à escravidão, vale salientar que

Durante a escravatura, a plantação afigurava-se como a engrenagem essencial de uma ordem selvagem na qual a violência racial cumpria três funções. Por um lado, visava enfraquecer as capacidades dos escravos para assegurarem a sua reprodução social, na medida em que eles nunca conseguiriam reunir os meios indispensáveis para uma vida digna desse nome. Por outro lado, a brutalidade tinha uma dimensão somática. Pretendia imobilizar os corpos, destruí-los, se necessário. Por último, atacava o sistema nervoso e procurava extinguir todas as capacidades das suas vítimas de criarem um mundo de símbolos próprio. Sendo as suas energias, na maior parte do tempo, gastas em tarefas de sobrevivência, eram forçados a viver a sua vida como uma reprodução (MBEMBE, 2014, p. 259, grifos do autor).

Diante do trabalho excessivo, das noites

mal dormidas, dos castigos, dos deboches que ela sofria na rua devido às suas roupas ou ao corte de seu cabelo, percebe-se um sistema cruel que visa destruir e imobilizar seu corpo. De maneira semelhante a Sisé, Cayetana foi estuprada, e o agente perpetrador desse crime não foi punido e nem recebeu qualquer reprimenda:

Tocó a su término la vacación del señorito Eduardo. Las tías, sentimentales, le hicieron las valijas con mucho cariño y previsión, metiéndole en ellas mucho ñandutí para la señora y dulce de leche para la familia. Cayetana fue la encargada de llevar las valijas hasta el muelle. Iba delante de ellos, un trecho, llevándolas a empujones y deteniéndose a cada rato, porque eran pesadas (PLÁ, 2014, p. 123).

No universo da diegese, observa-se uma sociedade parasita, que explora a mão de obra infantil e também revela uma sociedade que naturaliza a violência, a exploração e a objetivação da figura feminina. Fica assim evidenciado o estado de servidão de Cayetana, e após três meses da partida de Eduardo, ela sumiu. As irmãs a procuraram por toda parte, mas não a encontraram.

Las señoritas Olmedo acudieron a la comisaría. Esta no tuvo éxito, dijo, en la pesquisa. Lo más seguro es que ni se molestaran en buscar. Porque cuando una chica como Cayetana desaparece, de sobra se sabe el porqué; se pierde para todos, menos para uno.

Las hermanas buscaron en vano durante mucho tiempo otra “hija” que reuniese las virtudes de Cayetana. No la encontraron (PLÁ, 2014, p. 124).

Verifica-se que enquanto o corpo de Cayetana é dócil, cativo e sujeito a trabalhos forçados, o de Eduardo é tratado, vestido e alimen-

tado. Nessa perspectiva, mesmo tendo a mesma matéria física, como pontuou Mbembe, tecidos, órgãos, carne comestível “viande”, os dispositivos históricos transformam e produzem os corpos, determinando a dimensão cultural e histórica que eles representam no universo discursivo do relato. Dessa forma, tais discursos podem localizar-se no âmbito da identidade racial, do gênero, da sexualidade etc., conseqüentemente girando em torno do corpo.

Dentro desse contexto, segundo os estudos culturais (SZURMUK et al., 2009), os corpos podem ser pensados como construções culturais, como “significante”, cujos significados e cujas configurações vão transformando-se historicamente ao ritmo de redefinições em torno da legitimidade simbólica e cultural de distintos grupos sociais.

Doze anos transcorreram, e uma vendedora de verduras passou pela casa das Olmedo. As irmãs, conversando com ela, descobriram que Cayetana viveu na casa de sua tia por doze anos e morrera havia dois meses, e que deixara uma filha que também se chamava Cayetana, com onze anos e morava com uma parente, muito pobre. As irmãs, “por caridade”, foram buscar Cayetana e tudo recomeçou outra vez. A pretensa caridade é uma forma de legitimarem a opressão e a escravização exercida sobre seres mais fracos, incapazes de se defender e obrigados a aceitar uma vida de miséria e de provações.

Dessa forma, percebe-se que os corpos das personagens Sisé e Cayetana se limitam à identidade biológica, deixando evidente a morte social das personagens, pois não há extensão de suas identidades, representam o desconforto identitário, nos quais a autoridade está concentrada no poder colonial. Assim, são estigmatizadas, oprimidas e castradas. Para os estudos culturais (SZURMUK et al., 2009), a problemática do estatuto histórico e político do corpo está longe de fornecer uma base metodológica homogênea. Assim, esses estudos partem da premissa de que o corpo é o resultado de histórias e tecnologias políticas específicas, que constantemente

problematizam seu status e seu lugar no mundo social, na ordem cultural e no domínio do natural.

Sendo assim, da mesma forma que a obra de arte é aberta a diversas perspectivas e interpretações, o corpo também o é. Para Foucault (1996), ele é matéria física, porém não é inerte e sem vida, mas sim uma superfície moldável, transformável, moldável por técnicas disciplinares e de biopolítica. Nesse sentido, segundo Fanon (1961), o corpo também é responsável pela raça e por seus ancestrais.

Dessa maneira, ele carrega características de uma identidade, que segundo Hall (2003), diz respeito àqueles aspectos que surgem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. O conto analisado ilustra tal fato ao revelar a opressão dos mais pobres em solo latino-americano e, em particular, da mulher, que continua sendo violada e explorada pelas classes dominantes e, em específico, pelos homens que se pautam pelos postulados patriarcais.

O estigma da raça no conto “Siesta”

No terceiro e último conto escolhido para este artigo, “Siesta”, deparamo-nos com a personagem María, filha de Deolinda, uma empregada doméstica que, aos quinze anos, engravidou de Ciriaco, filho de sua patroa, Doña Ceferina. Observemos a sua descrição:

María, que está de rodillas en el suelo, se yergue asustada. Su manecita morena suelta el trapo y deshace rápido el nudo que mantiene recogida en la cintura la pollerita desteñida. Le mira con sus ojos negros y oblicuos, un poco a flor de pómulo. (Nadie en la familia tiene los ojos así, ha dicho Doña Ceferina). Mueve la cabeza a derecha e izquierda, asustada, incapaz de decir una palabra (PLÁ, 2014, p. 211-212).

Verifica-se que as personagens Sisé, Cayetana e María representam um molde criado por suas formas externas, uma imagem do conceito

de identidade, modelos criados pelo coletivo da sociedade. Por esse viés, nota-se que as personagens são um conjunto de estereótipos que, segundo Bhabha (2019), trata-se de uma estratégia discursiva de discriminação e de hierarquização. No caso em tela, as três representam o estereótipo da mulher latina, pobre, com parentesco de indígenas, uma raça/etnia frequentemente desprezada pela elite branca. Conforme assinala Stuart Hall

A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente ponto específico, de diferenças em termos de características físicas - cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. - como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro (HALL, 2006, p. 63).

Observa-se essa diferenciação dos grupos quando a voz narradora acrescenta, entre parênteses, que a avó de María pontuou que ninguém na família tinha olhos assim. Essa marca simbólica, a que a personagem dona Ceferina se referiu como um traço que não faz parte de sua família, é um signo de exclusão. Fica evidente aqui aquela ideia de identidade unificada com características e traços iguais. Para Fanon (1961), a raça é o efeito interno do olhar do outro e uma manifestação de crenças e desejos. É uma operação do imaginário, o lugar onde se encontram as regiões obscuras e sombrias do inconsciente. A respeito da raça, Achille Mbembe ressalta que

A raça está por detrás da aparência e sob aquilo de que nos apercebemos. É também constituída pelo próprio ato de atribuição - esse meio pelo qual certas formas de infra vida são produzidas e institucionalizadas, a indiferença e o abandono, justificados, a parte humana do Outro, violada, velada ou ocultada, e certas formas de enclausuramento, ou mesmo de condenação à morte, tornadas aceitáveis (MBEMBE, 2014, p. 66).

A raça transforma-se em um dispositivo social que segrega, separa, cataloga os seres de uma sociedade. A fala da avó de María atribui à personagem características do “outro”, que não fazem parte de seu grupo familiar. É a partir disso que o abandono, a indiferença e a violência são justificáveis. Ciriaco estava tirando sua siesta, mas María não o deixava dormir, pois sua “avó” (Ña Ceferina) havia saído e em sua ausência não gostava que María ficasse ociosa. Nessa sequência de ações, pode-se observar o poder disciplinar, cujo objetivo básico consiste em produzir um ser humano que possa ser tratado como um corpo dócil, segundo as acepções de Foucault (1996). Nota-se esse poder disciplinar sobre o corpo da personagem, as imposições e o controle, porque mesmo ausente, sua avó tem controle sobre ele.

Como Ciriaco não conseguia dormir com o vai e vem de María, começou a recordar os momentos que passou com a mãe dela, Deolinda, e principiou a duvidar que María fosse sua filha. Sentiu ciúmes e procurou traços de seu amigo Juan em María. Essa, por sua vez, morava com sua “avó” e seu “pai” desde os seis anos. Nesse trecho da narrativa, ela estava com onze. Diante da impossibilidade de dormir, Ciriaco pede que María lhe faça um mate:

Sus manecitas morenas enjugan el mate, lustran la bombilla, trémulas. Se apresura, soplando el fuego con toda la fuerza de sus pequeños pulmones.

-¡Qué!... Ese mate, ¿está o no está?

-Ya voy, ya voy enseguida... -Casi afónica.

Llega por fin, con la calabacita y con la pava; los ojos a flor de pómulo miran a Ciriaco con asustada obsecuencia. Ciriaco no ha vuelto a entrar en el cuarto. [...] La chica deja la pava en el suelo,

alarga a Ciriaco el mate. Él lo toma sin mirarlo, lo lleva a los labios, sobe.

-Está frío, chiquilina estúpida (PLÁ, 2014, p. 218).

No prosseguimento das peripécias narrativas, ocorre uma cena de violência, na qual o incesto quase se consuma:

-Esperá un poco. Vení acá.

Ciriaco sonrío. Una sonrisa torcida, que le hace horrible de ver. Toma a la pequeña del brazo, violentamente. Mate y pava caen al suelo. La boca de la chica se crispa de terror. Cree que va a golpearla.

-Papá...

-Yo no soy su papá... me oye, ¡grandísima idiota!... La puta de tu madre se lo cree, no más... pero yo no soy tu padre... y me la van a pagar (PLÁ, 2014, p. 218).

Nesse ponto da narrativa Ciriaco tenta estupro María, e nos damos conta de que ao procurar traços do “outro” nela, que justificariam a violência e violação em relação a esse “outro”. Em sua imaginação, o fato de o personagem não considerar María como sua filha seria uma justificativa para violá-la, violentá-la: “La chiquilina gime afónica de terror; una reacción puramente instintiva, primaria, le lleva de pronto a prender ciegamente sus dientes en la mano que la amordaza. Y muerde con una desesperación de animalito en cepo” (PLÁ, 2014, p. 219).

O terror invade o corpo de María e a personagem desesperada morde a mão de Ciriaco e consegue escapar, e foge desesperada:

Ciriaco suelta una maldición; la chiquilina escapa, tropezando, en busca de la calle.

Huye ciega, sin saber nada sino de su terror; sorda y sin voz; el viento entra en su boca abierta y la deja de madera. No ve el ciclista que viene a toda velocidad calle abajo por la vereda desierta; el ciclista, ciego él también, pero de calor, no la ve tampoco. La embiste, la lanza brutalmente de costado. La chiquilina salta en el aire, cae como un fardo, rebota sordamente; no se levanta (PLÁ, 2014, p. 219).

É possível constatar nessa narrativa, e também nas outras duas analisadas, uma característica padrão da violência: a exibição do corpo, morto, inerte; o inimigo eliminado. Percebem-se ainda aspectos constantes da violência doméstica, com a violação do corpo no espaço privado. Vivendo sob a supervisão do olhar racista e machista, María, a personagem do conto “Siesta”, é a única que reage à violência, mas também paga um alto preço por essa atitude.

Para Julio Cortázar, “o contista tem uma maneira especial de entender e ver o mundo” (CORTÁZAR, 1974, p. 150-151). Compreende-se que um bom contista é aquele que busca sempre o excepcional no cotidiano e a criação espontânea se dá no exame crítico que esse escritor tem da época a que pertence. Ainda conforme o escritor argentino (CORTÁZAR, 1974), um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com a explosão de energia espiritual, que ilumina bruscamente algo que vai além da pequena história que conta.

Nessa perspectiva, os três contos estudados cumprem eficazmente essa premissa e desvelam um universo ficcional no qual o corpo feminino sofre as agruras e os tormentos perpetrados pelos homens, que violentam, assassinam e destroem-no, sem piedade e amparados por uma postura advinda do sistema patriarcal, que lhes

garante o poder de vida e de morte sobre corpos que, para eles, nada mais são que objetos de prazer, criados para seu usufruto e exploração.

Considerações finais

Nas narrativas curtas analisadas, o espaço doméstico é visto como local de violação e o corpo como um campo simbólico, habitado por representações históricas dramáticas de violência, silêncio, abandono e solidão. Nesse sentido, a exploração física e sexual sofrida pelas personagens nos faz refletir a respeito daquela indagação de Mbembe (2014): se o animal é mais humano do que o homem, ou se o homem é mais animal que o próprio animal. Parece-nos que a resposta encontra-se no período do final do questionamento que ele propõe.

É pertinente salientar que nos contos “Sisé”, “Cayetana”, “Siesta”, ocorrem manifestações daquilo que se convencionou denominar como biopolítica e necropolítica e são justamente essas concepções que nos fazem enxergar os corpos simbólicos no mundo diegético de Josefina Plá. Observamos que as personagens que povoam o universo fictício da autora fazem parte de um sistema social, cultural e econômico castrador. As narrativas apresentam semelhanças e características de ações e discursos que vão muito além da ficção.

No conto “Sisé”, o vazio da palavra transborda a extensão semântica do conto, refletido na perda da mãe, na falta de pertencimento e de afetividade. Já em “Cayetana”, nota-se como os corpos são destruídos e imobilizados, escancarando como o sistema elimina o “Outro”. Por sua vez, em “Siesta”, os estereótipos são justificativas para violação e extermínio daquele que é diferente, que não seria familiar, que teria sido gerado por outro.

Em tal contexto é cabível concluir que as narrativas ultrapassam os limites daquilo que é possível exprimir através da linguagem escrita. Verifica-se também que, ao recorrer à escrita, Josefina Plá não apenas mimetiza formas e aparên-

cias, mas vai além delas, evidenciando como o corpo da mulher latino-americana e indígena é transformado em objeto, escravizado, espoliado e desprezado como uma roupa velha, após ser violado e não possuir mais utilidade para aquele que exerceu o ato de posse de seu corpo.

O papel da escrita, evidenciado nos escritos de Plá, é posicionar o leitor diante de um espaço privado do cotidiano repleto de violência física e psicológica, e a esfera privada é vista como campos da morte, que buscam erradicar a pluralidade da condição humana. Em suma, o passado torna-se presente no mundo diegético de Plá, revelando como a violência afeta o corpo feminino, em uma sociedade pautada pelo sistema patriarcal, e na qual a mulher (sobretudo as mais pobres, de outras etnias como as indígenas) é encarada como mercadoria, como algo sem valor, cuja vida pouco ou nada vale e pode ser descartada sem consequências.

Assim, os corpos femininos dos contos estudados deixam uma sensação de inquietação e desconforto no leitor, pois problematizam as relações entre homens e mulheres, e demandam reflexões e apontam elementos para possíveis mudanças ou, pelo menos, para uma conscientização da problemática que transborda em cada um deles.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2019.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: CORTÁZAR, Julio. Valise de cronópio. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- FANON, Frantz. Os condenados da terra. Lisboa: Ulisseia limitada, 1961.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis, Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. Poder-corpo. In: FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

GLISSANT, Édouard. Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. Portugal: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

OLIVEIRA, Geovana Quinalha. Corpo: experiência e linguagem em Josefina Plá. Raído, Dourados, MS, v. 10, n. 21, jan./jun. 2016, p. 90-101. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5212/2746>. Acesso em: 02 jun. 2022.

PLÁ, Josefina. Cuentos completos, I. Asunción: Servilibro, 2014.

PLÁ, Josefina. Cuentos completos, II. Asunción: Servilibro, 2014.

POE, Edgar Allan. Poemas e Ensaios. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. 3. ed. rev. São Paulo: Globo, 1999.

SANTIAGO, Silviano. Uma literatura nos trópicos: edição ampliada. Pernambuco: Editora Cepe, 2019.

SZURMUK, Mónica (coord.) et al. Diccionario de estudios culturales latino-americanos. México: Siglo XXI Editores: Instituto Mora, 2009. Disponível em: <<https://elpaginaslibres.files.wordpress.com/2009/12/diccionario-de-estudios-culturales-latinoamericanos.pdf>> Acesso em: 03 jul. 2021.

Submissão: junho de 2022.

Aceite: dezembro de 2022.